Notas

No início de junho, a coordenadoria apresentará uma publicação contendo o cenário de referência – como será São Paulo em 2020 se tudo continuar como está –, o cenário ideal – o melhor dos mundos, não necessariamente tangível – e o cenário estratégico. Este, sim, servirá de base para um plano setorial integrado, envolvendo todas as secretarias estaduais.

A metodologia é tão ambiciosa quanto o objetivo. Em 2008, a coordenadoria realizou um levantamento das "forçasmotrizes" responsáveis por pressões e impactos ao meio ambiente no Estado, nas áreas de demografia, economia, transportes, entre outras. Depois, foram identificados os Fatos Portadores de Futuro (FPF) – ou seja, aqueles que devem influenciar decisivamente os rumos ambientais na região –, os quais, processados matematicamente, resultaram nos cenários ambientais possíveis.

Junte-se a isso um extenso processo de consulta a especialistas e ao público em geral, com participação de mais de 5.200 pessoas. Foi aberta a segunda rodada de consulta na internet, mas só serão contempladas pessoas que já responderam à primeira fase. De todo modo, sugestões, críticas e pedidos de informação podem ser encaminhados para planejamentoambiental@sp.gov.br. (CD)

[MATA ATLÂNTICA]

Onde o individual é essencial

Para quem cogitava ingressar no mundo da conservação privada: a hora é esta. O Programa de Incentivo às Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPN) da Mata Atlântica, coordenado pelas ONGs Conservação Internacional, Fundação SOS Mata Atlântica e The Nature Conservancy (TNC), está com inscrições abertas para seu VII Edital de projetos.

O edital abrange todos os municípios do bioma e distribuirá recursos que vão de R$ 8 mil a R$ 25 mil para criação de RPPNs individuais ou em conjunto, e também para elaboração e implementação de planos de manejo.

Érika Guimarães, coordenadora do programa, avalia que as RPPNs têm importância estratégica para a Mata Atlântica: "Restam cerca de 7% ou 8% do bioma original e 80% desses remanescentes estão em propriedades particulares. Então esses proprietários são essenciais para complementar os esforços públicos". Ela explica que, além do reconhecimento oficial como área protegida, o título de RPPN permite concorrer a subsídios para desenvolver ações – algumas lucrativas – como manejo florestal, pesquisa, educação ambiental e ecoturismo.

O programa dá preferência a áreas vizinhas a outras unidades de conservação, públicas ou particulares, já que a conectividade favorece a conservação da biodiversidade. Mas esse aspecto não é eliminatório. O edital pode ser acessado nos sites www.sosma.org.br, www.conservacao.org, www.nature.org/brasil, www.corredores.org.br e www.funbio.org.br. (CD)

[PUBLICAÇÕES]

Comunicar ciência

Para o público em geral, nem sempre é fácil perceber os resultados e benefícios gerados por institutos de pesquisa. Por isso, comunicação é essencial, especialmente quando o instituto é financiado com dinheiro dos impostos.

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), fundação vinculada ao Núcleo de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, sabe disso e acaba de lançar um boletim eletrônico semestral para divulgação de estudos regionais e urbanos.

Sob esse guarda-chuva estão contemplados os fenômenos sociais, ambientais e econômicos em suas manifestações no território. O boletim apresenta ensaios de pesquisadores da casa e artigos de estudiosos convidados. Pode ser acessado em www.ipea.gov.br (CD)

[EMPRESAS]

Negócios de vida ou morte

Os pacientes sul-coreanos com HIV/AIDS estão literalmente "ao deus-dará", já que a companhia farmacêutica Roche, fabricante que detém o monopólio do medicamento mais avançado do mundo, não "dará" mesmo. Desde outubro passado, a empresa suspendeu no país a venda do Fuzeon, um antirretroviral receitado a pacientes que não apresentam melhora com tratamentos convencionais.

O governo local alega que não pode pagar mais que US$ 18 mil por paciente ao ano – a droga deve ser injetada duas vezes ao dia – e a Roche não aceita menos que US$ 22 mil. "O preço oferecido ao governo (*sul-coreano*) está alinhado com o menor preço disponível aos países em desenvolvimento da região", diz um comunicado da sede da empresa, na Suíça, "A produção de um único frasco do Fuzeon demanda 6 meses e 45 kg de matéria-prima para 1 kg do remédio ." O comunicado também argumenta que a Coreia do Sul não é considerada pelas Nações Unidas como país em desenvolvimento.



Ativistas da organização Korean Pharmacists For Democratic Society afirmam que o presidente da Roche Korea, Urs Flueckiger, teria dito durante uma reunião com o grupo: "Não estamos nesse mercado para salvar vidas, mas para ganhar dinheiro. Salvar vidas não nos interessa". (CD)



FALA, LEITOR

Histórias e ideias de quem lê Página22

"Eu quero ir!", encasquetou a jovem Helena Gomes, então aluna do primeiro ano do curso de Gestão Ambiental da USP. Foi aos professores, ao reitor, ao prefeito, e tanto fez que conseguiu ser incluída na disputadíssima delegação brasileira para a Rio + 10, em Johannesburgo, na África do Sul. Sem experiência em jornalismo, ainda amealhou a função de correspondente de uma rádio do interior paulista durante o evento. Apaixonou-se pelo poder da mídia quando se trata de educação ambiental.

Foi a experiência em Johannesburgo que inspirou sua tese de mestrado, em andamento. Helena analisa a apropriação do discurso de ONGs e cientistas por campanhas publicitárias e as consequências disso para o esvaziamento da mensagem da sustentabilidade. Mais para a frente, sonha em investigar a hipótese de estar havendo uma fusão entre marketing e responsabilidade social empresarial. "Se uma empresa deixa de investir R$ 1 milhão em publicidade para aplicar R$ 100 mil num projeto socioambiental que vai lhe dar a mesma visibilidade, em vez de investimento, há uma economia", conjectura.

Hoje com 26 anos, Helena é analista de mercado de uma empresa que comercializa projetos REDD (mecanismo pelo qual se remuneram as emissões evitadas de desmatamento e degradação) na Amazônia. Mesmo assim, ainda não está plenamente convencida sobre a quem pertence o carbono e não cansa de se espantar com a monetarização da natureza. Se lhe perguntam qual é o barato de trabalhar com meio ambiente, ela não hesita: "É o despertar para a complexidade. É perceber que tudo está ligado: economia, sociedade, cultura, espiritualidade... E essa é uma noção que eu aplico em tudo na vida, não só na questão ambiental".

Se você deseja participar desta seção, escreva para redacao@pagina22.com.br e conte um pouco sobre você e seus projetos. Para se comunicar com Helena Gomes, escreva para he_mail@terra.com.br .